

HQS PRODUZIDAS POR MULHERES E AS RESISTÊNCIAS AOS DISCURSOS PATRIARCAIS

Eixo Temático 01 – A Arte e suas Manifestações: Navegando entre as Diferenças, Corpo(S), Gênero(S) e Sexualidade(S)

Ana Paula Oliveira Barros¹

RESUMO

Atualmente, é possível notar que as questões tidas a princípio como privadas, como as relacionadas ao sexo e ao gênero, passam a assumir o centro do debate político. É importante estarmos atentos a essas relações entre o íntimo e o político, sem perder de vista que esse vínculo possibilita atos de resistências aos modos de subjetividades legítimos da contemporaneidade. Desta forma, levando em conta que as histórias em quadrinhos são uma rica referência de construção da imagem da mulher e que, muitas vezes, acaba reificando o corpo e a sexualidade feminina com o intuito de satisfazer o olhar do espectador masculino, o presente trabalho visou refletir sobre como as produtoras de HQs independentes combatem os discursos hegemônicos patriarcais.

Palavras-chave: HQ, Gênero, Corpo Feminino, Sexualidade.

INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos fazem parte de um contexto histórico e social específico, e isso possibilita sua colaboração com os valores que permeiam determinada sociedade. Assim, devemos sempre fazer uma leitura crítica das HQs, levando sempre em consideração os discursos ali inerentes. Sendo a HQ um espaço privilegiado de

¹ Doutoranda do Curso de Doutorado em Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense - UFF, anapaulaobarros@yahoo.com.br

comunicação, ela torna-se uma rica referência de construção da imagem da mulher², que, muitas vezes, acaba reificando o corpo e a sexualidade feminina com o intuito de satisfazer o gênero masculino. É importante também lembrar que as personagens femininas de quadrinhos foram durante muito tempo idealizadas por homens, de acordo com os seus discursos acerca do que é ser mulher.

Atualmente, nos deparamos com diferentes leituras da experiência política que persistem na centralidade das lutas identitárias, assim como dão sinais de reconfiguração do espaço público e apontam a importância das redes sociais presentes na internet e das mídias digitais. Com isso, é importante estarmos atentos as relações entre o íntimo e o político na contemporaneidade, sem perder de vista que esse vínculo é responsável por desdobramentos que possibilitam atos de resistência aos modos de subjetividades legítimos da contemporaneidade.

Desta forma, levando em consideração os pontos trazidos acima, o presente trabalho visa refletir sobre como as produtoras de HQs independentes, que abordam o tema do corpo e da sexualidade em suas obras, combatem os discursos hegemônicos patriarcais.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

As bases metodológicas da pesquisa proposta são fundamentadas na pesquisa qualitativa de caráter exploratório, já que não tem o intuito de obter números como resultados, e que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou desdobrar hipóteses. Já o método utilizado para a análise das HQs será a Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente segundo as propostas de Michel Foucault, que leva em consideração a construção do discurso enquanto situado num contexto social e histórico específico, e que é permeado por relações de poder.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

² É importante deixar claro que o termo “mulher” será usado nesse artigo com o intuito de abarcar todas as pessoas que vivem seu gênero como feminino e não necessariamente aquelas possuidoras dos cromossomos XX.

Sobre o estudo do corpo nas culturas, alguns autores são de extrema importância, entre eles Le Breton (2007) que trata a corporeidade humana como um fenômeno social e cultural. O autor aponta um campo de estudo sobre o corpo que se refere aos discursos ligados à corporeidade e a diferença entre os sexos. Um exemplo pode ser citado por meio da obra de Margaret Mead (1935), que demonstra o quanto o estatuto dos sexos e suas qualidades atribuídas dependem das escolhas culturais e sociais e não de um dado natural que estabeleceria o homem e a mulher a um destino biológico.

Para Le Breton (2007) seria preciso avançar os estudos e verificar as incidências do movimento feminista sobre as atitudes e os discursos atuais acerca do corpo e da sexualidade. Podemos dizer que o pensamento feminista não constitui um todo unificado. Porém, de acordo com Piscitelli (2001), as abordagens desenvolvidas após o final da década de 1960 compartilham ideias centrais. Ao invés de aceitar a subordinação feminina como algo natural, o pensamento feminista sustenta que ela é decorrente das maneiras como a mulher é construída socialmente. A introdução da categoria “gênero”, a partir da década de 1980, serviu para aprofundar e expandir as teorias críticas feministas, ao inviabilizar o tratamento da diferença sexual como “natural” (HOLLANDA, 1994).

Por meio de Pombo (2017), é possível perceber que na nossa cultura atual há uma insuficiência do modelo binário e hierárquico de diferença sexual. Este não é mais capaz de acolher as novas formas de subjetividades e identidades contemporâneas. Isto se dá devido aos novos arranjos da sexualidade e da família. Ao levar em consideração o pensamento de Foucault acerca da historicidade da subjetividade e dos discursos, a autora aponta que o modelo do binarismo sexual acaba sendo um entre muitos outros possíveis para o entendimento das formas de subjetivação atuais, que podem ser consideradas complexas e diversas.

As plataformas digitais como possibilitadoras de resistências

Alguns estudos recentes trazem como os meios de comunicação proporcionam informações e, também, servem de porta-voz a grupos e indivíduos que anteriormente haviam tido escasso acesso a estes meios e que eram contemplados com poucas imagens

de si mesmos nos meios ao seu alcance (DICKY, 1997). De acordo com Beleli e Pelúcio (2018), o maior ganho social propiciado pela sociedade em rede é a ampliação de ideias que questionam certos discursos cristalizados sobre diferenças sociais e culturais fortemente marcadas por gênero, sexualidade, raça e classe.

Assim, segundo Cunha (2017), hoje em dia há uma reconfiguração dos sentidos do político e da nossa experiência subjetiva da política. Um dos elementos decisivos dessa reconfiguração seria a subversão das fronteiras entre o público e o privado. A partir da eleição das redes sociais como campo privilegiado da experiência política, fica claro que tal agir na intimidade produz efeitos de fato na vida social. Para o autor, tal valorização da intimidade pode ser vista enquanto resistência às formas de subjetividades hegemônicas da contemporaneidade e seus dispositivos de normalização.

Desta forma, avaliar a produção acerca da sexualidade e do corpo da mulher, através das HQs produzidas por mulheres, é importante para percebermos esses discursos enquanto produtores de conhecimentos nessas relações de poder. No sentido de que Foucault (1986; 1993) alerta para a ideia de que poder também gera produção. A utilização por parte dessas produtoras das mídias digitais pode gerar resistência aos discursos hegemônicos patriarcais.

As mulheres produtoras de HQs e as possibilidades de resistências ao discurso patriarcal

Sendo a HQ um espaço privilegiado de comunicação, ela torna-se uma rica referência de construção da imagem da mulher que, muitas vezes, acaba reificando o corpo e a sexualidade feminina com o intuito de satisfazer o gênero masculino. Quando se trata dos discursos presentes nas HQs com temática sexual é possível perceber que, em sua maioria, elas constroem e mostram aquilo que se espera em relação à excitação, à sensualidade e à beleza dos corpos femininos, criando uma iconografia estereotipada em relação ao universo sexual das mulheres. Sendo importante notar que a beleza presente nas imagens é moldada por padrões e critérios bem definidos, no que diz respeito à idade, ao peso, à etnia e à classe (BARROS, 2017).

Boff (2014) frisa que, no mercado de HQs, muitas quadrinistas não têm suas obras disseminadas por grandes editoras, ficando restritas, principalmente, a blogs ou sites particulares. Contudo, apesar do campo das HQs ainda ser predominantemente masculino, a participação feminina em suas produções e consumo remonta à origem dos

mesmos. Cunha (2016) cita o exemplo da tirinha *The old subscriber calls* produzida por Rose O'Neill, em 1896. A autora esclarece que as primeiras produções de tirinhas produzidas por quadrinistas mulheres seguiam, em sua maioria, os padrões de obras consideradas femininas e não se libertavam dos estereótipos normatizadores da época.

Após a década de 1960, com a colaboração do movimento feminista e da contracultura, os quadrinhos *undergrounds* foram os responsáveis por ampliar a participação das mulheres no campo das HQs, pois era um ambiente alheio ao mercado de produção e consumo, onde as mulheres não precisavam se submeter ao pensamento hegemônico patriarcal (BOFF, 2014). De acordo com Dantas (2006), é comum nos quadrinhos alternativos a presença de tipos diversificados de corpos tanto para homens quanto para mulheres, e tentativas de dissociação dos velhos estereótipos entre feminilidade e masculinidade. Também após a década de 1960 é comum encontrarmos muitas HQs produzidas por mulheres que tratem sobre o campo psicológico e autobiográfico das autoras. O teor presente nessas obras é de desabafo da condição feminina, cuja repressão já não atuava sem resistências significativas. Houve também a ampliação das possibilidades de expressão de grupos de mulheres diferentes entre si em relação a suas sexualidades ou etnias. Mais recentemente houve um aumento da produção no ambiente online e a organização de grupos de mulheres que desejam discutir o feminino e os quadrinhos (BOFF, 2014).

Com relação ao Brasil, pode-se dizer que as mulheres quadrinistas que produzem HQs sobre corpo e sexualidade fazem, principalmente, por meios eletrônicos. Entre as quadrinistas que tratam de sexo em suas obras estão, Gabriela Masson e Aline Lemos. A mais conhecida é Gabriela Masson, quadrinista brasileira que usa o pseudônimo LoveLove6. Na sua fanzine autobiográfica intitulada *A Ética do Tesão na Pós-Modernidade* e produzida de forma artesanal em 2013, é possível se deparar com um tipo de diário sexual, com relatos íntimos de confissões e reflexões sobre liberdade sexual, amor romântico, amor livre e monogamia. De acordo com a própria Masson (2016), essa produção é feminista e tem como intuito desafiar discursos heteronormativos e questionar o patriarcado.

Já sua série de HQs *Garota Siririca*, também produzida de forma independente e disponibilizada por meio da mídia digital, conta a história de uma garota viciada em masturbação, suas aventuras eróticas e seu relacionamento com as amigas, através de uma narrativa bem-humorada. Para Masson (2016), o principal objetivo desse trabalho é

estimular a discussão entre mulheres e sociedade a respeito da masturbação e da sexualidade feminina, por meio de uma abordagem didática. A autora ainda destaca que tinha como intuito explorar o tema da sexualidade por meio de uma perspectiva feminista, retirando dos corpos femininos padrões socialmente construídos que geram repressão sexual. As diversas personagens que aparecem na HQ possuem características físicas, personalidades e orientações sexuais que constroem identidades distoantes do padrão pornográfico heteronormativo patriarcal.

Já Aline Lemos nasceu em Belo Horizonte e produz seus quadrinhos desde 2013 de forma independente por meio de plataformas digitais. Hoje em dia ela é colaboradora do portal *Lady's Comics* e participa dos coletivos de artistas *Zinas* e *100 Têtes* (VIANA, 2016). Sua HQ que mais chega próxima do gênero erótico é *Melindrosa*. Nela, por meio de um traço simples, mas bastante vivo e colorido, encontramos personagens com diferentes tipos de corpos e diferentes identidades de gênero, e é possível perceber o destaque dado pela quadrinista ao prazer e ao consentimento feminino, por meio de relações não necessariamente heteronormativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho foi possível perceber que o discurso patriarcal é permeado pelo modelo binário de gênero e constrói os corpos femininos pautados pelas idealizações do gênero feminino. Contudo, é preciso perceber que as pessoas não nascem e vivem com um único corpo, pois ao longo da vida os corpos mudam em diferentes proporções. Isto comprova que a imagem de uma humanidade com apenas dois corpos, baseados na diferença sexual, e a busca do feminino e do masculino, fundamentada em uma origem biológica, não passam de uma ficção.

Sendo o discurso acerca do corpo e da sexualidade da mulher uma invenção ocidental classista, machista e racista, que cria um campo narrativo específico, se torna importante que as mulheres lutem por emancipação para conseguirem se apropriar do poder de formação da sexualidade feminina. Assim, ter seu trabalho sendo divulgado em amplo acesso nas redes, possibilita as quadrinistas de propagar discursos que estabelecem novas formas de subjetivação e questionam sobre o repertório cultural das sociedades ocidentais no que se refere à naturalização das sexualidades.

Podemos dizer, então, que a presença de mulheres na produção de HQs, por meio da divulgação em plataformas digitais, significa uma transformação social no que diz respeito ao combate ao machismo presente na sociedade, pois possibilita a existência de falas femininas e de reivindicações de suas vontades. De modo geral, as mulheres que tratam da temática do sexo, do corpo e da sexualidade em suas HQs o fazem, principalmente, de forma independente, por meio de mídias digitais, e com o intuito de desconstruir certas *verdades* patriarcais acerca da sexualidade e do corpo feminino. Essas mulheres possuem um discurso basicamente humorístico ou grotesco para tratar da temática, utilizando traços simples ou distorcidos, como a forma mais viável de desconstruir o discurso hegemônico patriarcal.

REFERÊNCIAS

BARROS, Ana Paula Oliveira. **Homens e Mulheres produtores de HQ**: discursos sobre o corpo e a sexualidade da mulher na Indústria Cultural. Dissertação (Programa de pós graduação em Antropologia), Universidade Federal de Sergipe, 2017.

BELELI, Iara; PELÚCIO, Larissa. Aperte play para iniciar: desafios metodológicos de pesquisas nas mídias digitais. In: DURÃO, Susana; FRANÇA, Isadora Lins (orgs.). **Pensar com método**. Rio de Janeiro: Editora Papéis Selvagens, 2018.

BOFF, Ediliane de Oliveira. **De Maria a Madalena**: representações femininas nas histórias em quadrinhos. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CUNHA, Eduardo Leal (2017) **O Político e o íntimo** por Eduardo Leal Cunha; Psicanalistas pela democracia, 21/02/2017. Disponível em: <http://psicanalisedemocracia.com.br/2017/03/o-politico-e-o-intimo-por-eduardo-leal-cunha/>. Acesso em: nov. 2018.

CUNHA, Jaqueline dos Santos. **A representação feminina em Mulher Pantera e Mulher Maravilha**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2016.

DANTAS, Daiany Ferreira. **Sexo, Mentiras e HQ**: representação e auto-representação das mulheres nos quadrinhos. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

DICKEY, Sara. **La antropología y sus contribuciones ale studio de los medios de comunicacion**. Revista Internacional de Ciências Sociais, UNESCO, n. 153, p. 1-23, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 1986.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade** – A vontade de Saber, vol. I. São Paulo: Graal, 1993.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Feminismo em tempos pós-modernos. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MASSON, Gabriela Teixeira. **Projeto Pedagógico de formação da sexualidade da mulher e a Garota Siririca**. TCC (Graduação em Artes Visuais) – Instituto de Artes da Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

MEAD, Margaret. **Sex and Temperament in Three Primitive Societies**, 1935. Disponível em: <https://personalwebs.coloradocollege.edu/~mduncombe/WS%20110/Mead,%20Sex%20and%20Temperament.pdf>

PISCITELLI, Adriana. **Re-criando a (categoria) mulher?**. Campinas, 2001.

POMBO, Mariana. **Desconstruindo e subvertendo o binarismo sexual e de gênero: apostas feministas e queer**. REVISTA PERIÓDICUS, v. 1, p. 388-404, 2017.

VIANA, Germana. **As quadrinistas do Social Comics**. Ladyscomics, dez/2016. Disponível em: < <http://ladyscomics.com.br/as-quadrinistas-do-social-comics>>. Acesso em: abril de 2017.